

FATOS & VOZES - 2ª TEMPORADA

SÉRIE 'CONQUISTA DE QUILOMBOS'

EPISÓDIO 01 - UM MITO CHAMADO "SUÍÇA BAIANA"

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É uma manhã de sábado de setembro de 2023. O dia mal começou. Na tela do celular, o relógio marca pouco mais de 8h30. O céu está tomado por nuvens. Da sua cor azul marcante em dias ensolarados, pouco se vê. E se você não percebeu ainda, esse som ao fundo é de um carro em movimento. A estrada é de chão. Solo seco cercado ora por mato, ora por planícies com árvores que dá até pra contar nos dedos. Plantações de eucalipto também formam a paisagem. Na terra, tons que variam entre o amarelo, o marrom e o vermelho. O mais puro suco de semiárido nordestino. Estamos no distrito de José Gonçalves, um dos 11 que compõem a extensa zona rural do município de Vitória da Conquista, no interior da Bahia.

[AMBIENTAÇÃO]

Karina: No final das contas essa função 'live' é pra quê? **Vic:** Hum? **Karina:** A função live é pra quê? **Vic:** Pra... pegar foto em movimento. **Karina:** Ah... **Vic:** Aí cê consegue ajustar... **Karina:** Mas ele ativa automaticamente? **Vic:** Não. **Kari já na:** Ah tá.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

No carro comigo estão minhas amigas e parceiras de reportagem, Victória e Karina, e claro, o motorista, chamado Daniel. Era cerca de 7h30 da manhã quando saímos de um condomínio da zona urbana de Conquista munidos de um gravador, microfone de lapela, um gimbal, que aliás era sobre o que as meninas estavam falando, entre outros itens fundamentais, como água. Pouco mais de uma hora depois, chegávamos ao que seria o nosso primeiro destino do dia: o povoado do Boqueirão, um dos oito quilombos conquistenses localizados na região de José Gonçalves, que sozinha, concentra 25% das comunidades remanescentes certificadas pela Fundação Palmares no município até o ano de 2023. Ao todo, são mais de 30. Quem nos recebe é o então presidente da associação comunitária.

[AMBIENTAÇÃO]

[Som do cinto do carro sendo retirado, barulhos ambientes]. **Afonso:** Bom dia, Seu Jovelino? **Jovelino:** E aê? **Afonso:** Tudo bem, Afonso! **Jovelino:** Cê tá bom? **Afonso:** Tudo joia, graças a Deus.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

O seu Jovelino Batista dos Santos é um homem negro de pele retinta e estatura média. Tem corpo esguio e um bigode branco que chama atenção à primeira vista. Ele usa calça jeans escura, uma camisa azul marinho de gola polo e um boné vermelho, sobre o qual mantém óculos escuros em cima da cabeça. Carrega consigo uma bolsa escura de alça comprida com a logomarca da Fundação Banco do Brasil. Logo, saberíamos que essa bolsa guardava anos de história de um quilombo que só em 2005 teve seu reconhecimento atestado pelo Poder Público brasileiro.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Nós havíamos combinado um ponto de encontro com o Seu Jovelino na tarde do dia anterior àquela visita. Quem fez a ponte entre ele e a nossa equipe foi outro morador do Boqueirão, o Adailton, além do presidente do Conselho das Associações Quilombolas do Sudoeste Baiano, Domingos Lemos. A conversa prévia foi por WhatsApp.

[ILUSTRAÇÃO - ÁUDIO DE WHATSAPP]

Seu Jovelino: Boa tarde! Óia, cê pode procurar Valdete, aí no bar do Valdete, eu vou tá... eu vou tá esperando ocês aí.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Quando chegamos no Bar do Valdete, Seu Jovelino já estava nos esperando, como prometido. Mas não seria esse o local das entrevistas.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Vai ser em outro lugar? **Jovelino:** Vamos descer aqui. Acho que eu tô pensando em fazer ela mais perto aqui, no Centro. **Afonso:** Pronto, pode ser. Ele pode entrar... Que aí a gente já? **Vic:** Pode. **Karina:** Pode. **Afonso:** Cabe aí, né? Ou eu vou pra aí? Pronto... Vamo com a gente. **Karina:** Tá bom porque aí ele pode guiar, né? Ele indo na frente. **Afonso:** Só um instante. **Daniel:** Olá.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Seu Jovelino então entra no carro com a gente.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Aqui é o Bar do Valdete, né? **Jovelino:** É aqui. **Afonso:** Ah, entendi. Essas são Victória e Karina, fazem parte da equipe. **Vic:** Oi, tudo bom? **Karina:** Prazer! **Jovelino:** Jovelino meu nome. **Afonso:** Acho que a gente chegou até no horário. **Jovelino:** Hoje eu trouxe tudo aqui, até as entrevistas de 2004, eu trouxe tudo aqui. **Afonso:** Foi mesmo? **Que bom.** Isso foi do processo de reconhecimento, né, em 2004? **Jovelino:** É. **Afonso:** É pra cá? **Jovelino:** É, pode descer aí direto.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A estrada é íngreme e tem algumas ladeiras. Estamos agora a caminho do centro do quilombo do Boqueirão. Mas antes de chegar lá, algumas paradas nos fazem pensar que o que estava prestes a acontecer seria muito mais do que apenas a realização de algumas entrevistas.

[AMBIENTAÇÃO]

Jovelino: Aí cê dá uma paradinha aqui, que eu vou ver se eu encontro... **Daniel:** Aqui? **Jovelino:** É. Mas não tá aí... Não tô vendo ninguém. [O vidro do carro se abre]. Oh Cida! Faz o favor.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A primeira parada é em frente à casa de uma das filhas de Seu Jovelino, a Alcídia. Ela, o pai e toda a comunidade, em sua maioria, sobrevivem da agricultura.

[AMBIENTAÇÃO]

Jovelino: É porque lá na casa de farinha... Era lá na casa de farinha, mas disse que lá está ocupado. **Afonso:** Ah, entendi, vocês fazem as reuniões da associação lá? **Jovelino:** Lá tem mandioca. Nós faz a reunião lá. **Afonso:** Ah, entendi... Aí o pessoal tá produzindo farinha hoje? **Jovelino:** Tá. Esses dias tudo. **Afonso:** Ah... **Alcídia:** Sinhô? **Jovelino:** Oh, tu desce lá que eu vou fazer essa reunião ali embaixo mesmo junto da escola. Aqui embaixo. Aí tu chama as meninas aí e desce lá pra baixo. **Alcídia:** É quantas horas? **Jovelino:** É agora. **Afonso:** Umas nove horas, dá tempo. **Jovelino:** Umas nove horas. Nove horas, ele disse que é nove horas. **Afonso:** Até lá... **Alcídia:** Tá bom, eu vou ajeitar. **Jovelino:** Porque ele ainda vai pra outro canto, viu? Aí cê faz esse favor, cê ajeitar aí. Que agora é oito e quarenta e um. **Alcídia:** Tá bom, tava varrendo esse terreiro aqui. **Jovelino:** Mas desce rápido que eles ainda vai pra outro canto. **Alcídia:** Tá bom.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Conforme vamos avançando em direção ao Centro do Boqueirão, encontramos mais parentes do Seu Jovelino no caminho. As semelhanças entre eles logo evidenciam a relação de parentesco.

[AMBIENTAÇÃO]

Jovelino: Esses aqui é fi também. Esse ali é um cabeleireiro. Tão até cortando cabelo aí. É fi meu também. Aí, dá uma paradinha aí. [VIDRO DO CARRO DESCENDO]. Oh Beno, eu já tô indo pra lá, fala pros meninos ir, viu? **Beno:** Ah, pra reunião? **Jovelino:** É. **Beno:** Beleza, meu coroa. **Jovelino:** Mas tem que ser... mas tem que ser rápido. **Beno:** Sim, nego. **Jovelino:** Pode descer lá, nós vamos fazer uma entrevista lá, viu? **Beno:** Pronto. Falar pra quem pai? **Jovelino:** An? **Beno:** Pra quem? **Jovelino:** Guinho, se ela for... se ela quiser ir. **Beno:** Ah tá, beleza. **Jovelino:** Cidinha vai também. **Beno:** Sim, eu falo pra eles que vocês já chegou. **Jovelino:** Vai ser aqui na braúna mesmo porque lá tá ocupado na casa de farinha. **Beno:** Pronto, beleza. **Jovelino:** E aí é o centro onde que vai tá o povo. [BUZINA E VIDROS DO CARRO FECHANDO].

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Eu não sei se você notou, mas seu Jovelino está praticamente convocando a comunidade para uma reunião, muito mais do que esperávamos naquela visita. Pra mim, isso já indicava a importância que eles atribuíam a uma oportunidade de serem ouvidos. Oportunidade rara, diga-se de passagem.

[AMBIENTAÇÃO]

Jovelino: Aí cê dá uma parada aí... Xô falar com aquela mulher ali. [VIDRO SE ABAIXA]. Fala pra Lucinalva que vai ser aqui embaixo, que ela desce lá agora, viu? Eu vou fazer aqui embaixo porque lá tá ocupado. [CACHORROS LATEM]. **Voz desconhecida:** É na braúna aí? **Jovelino:** An? **Voz desconhecida:** É na braúna? **Jovelino:** É aqui na braúna. **Voz desconhecida:** Ah, beleza, tá bom. **Jovelino:** Viu, vocês desce lá. Tamo esperando vocês lá, viu?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Não demora muito e logo chegamos na braúna, uma árvore de grande porte e copa pouco densa presente no bioma da Caatinga, e um símbolo para a comunidade. Um verdadeiro local de referência e de memória para os habitantes do Boqueirão. Para nós, aquele era apenas o começo de uma apuração que nos revelaria uma Conquista extremamente plural e diversa, mas também invisibilizada no passado e ignorada no presente.

[TRILHA - VINHETA DE ABERTURA]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

Afonso: Meu nome é Afonso Ribas e este é o Fatos & Vozes, um podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista.

Karina: Eu sou Karina Costa e você está ouvindo a série “Conquista de Quilombos”, produzida com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas - ICFJ, na sigla em inglês, da Meta e da Associação de Jornalismo Digital - Ajour. Episódio 01: Um mito chamado “Suiça Baiana”.

[AMBIENTAÇÃO]

Karina: Bom dia... **Vic:** Bom dia! [SONS DESCENDO DO CARRO] **Jovelino:** Bom dia, cumpade! **Afonso:** Bom dia! **Jovelino:** Fala com a cumade que a reunião vai ser aqui, viu? **Cumpade:** Aqui? **Jovelino:** É. **Cumpade:** Muito bem. **Jovelino:** Eu achei que é pra ficar mais perto pra nós aqui. **Afonso:** Aqui é o centro, né? **Jovelino:** É, que aqui é o centro, todo mundo vem.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

O centro do quilombo do Boqueirão é uma área aberta com poucas construções no seu entorno, incluindo algumas casas, um bar e uma mercearia. Nele, também ficam localizados dois importantes equipamentos públicos: a Escola Municipal Lírio dos Vales, que recebe alunos do ensino fundamental 1, e o posto de saúde da comunidade, principal alvo de reclamações dos moradores. Mas será preciso um episódio inteiro só pra poder falar dos problemas que os habitantes do Boqueirão e de outros quilombos enfrentam na área da saúde. Enquanto espera pelas pessoas que convidou para a reunião, Seu Jovelino nos leva à barragem do povoado, que também fica no centro, acima da braúna. A água, além de esverdeada, parece se misturar com a lama e está repleta de algas em sua superfície. É imprópria para o consumo.

[AMBIENTAÇÃO]

Jovelino: Cê quer ver gente aqui é a época da votação. **Afonso:** É mesmo? Enche. **Jovelino:** Em 2004 eu levei a relação daqui da agente de saúde... pra Salvador, na época. Eu levei 605 habitantes. Daí pra cá tem outro tanto. **Afonso:** Já aumentou? **Jovelino:** Hum? Quieta moço.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Até 2022, eram mais de 230 famílias vivendo na comunidade, segundo dados levantados pela 2ª Regional da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Mas em 2005, quando a comunidade foi certificada como quilombola pela Fundação

Palmares, esse número chegava a 260, de acordo com relatório da Coordenação de Promoção da Igualdade Racial.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É na bolsa que Seu Jovelino trouxe consigo para a entrevista que ele guarda toda a documentação que resultou na certificação. O agricultor faz questão de nos mostrar o certificado de autorreconhecimento e a sua carteirinha de identificação quilombola, na qual consta o cargo de coordenador geral da Associação de Agricultores Familiares da Comunidade Remanescente de Quilombo do Boqueirão. Este já é o seu terceiro mandato à frente da associação. Nós aproveitamos a deixa e pedimos para tirar algumas fotos. Em seguida, ele então nos apresenta outros documentos: um relatório com imagens, depoimentos e entrevistas coletadas durante o processo de reconhecimento e até mesmo um trabalho de conclusão de curso sobre o quilombo. A nostalgia agora toma conta dele e da sua comadre, Dona Josemira, que acaba de se juntar a nós.

[AMBIENTAÇÃO]

Jovelino: Essa daqui já é a história das véa... das veazinha aqui... **Vic:** Ah, que legal! **Jovelino:** Das raízes. **Josemira:** As raízes daqui... Ai... As veinhas que já partiu, né, mas ficou... **Afonso:** A história fica, né. **Josemira:** É... Elas já partiu mas ficou a história.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Ao lado de Furadinho e Velame, o Boqueirão foi um dos primeiros núcleos quilombolas de Vitória da Conquista formado quase exclusivamente por pessoas negras de pele retinta. É comum as pessoas associarem essas comunidades ao conceito mais amplamente difundido acerca da palavra “quilombo”, geralmente compreendido como um espaço de refúgio para pessoas escravizadas ou que resistiram à escravidão, sendo hoje ocupados por descendentes que mantêm o vínculo com o passado africano através da cultura. No caso do Boqueirão, há estudos em que a relação direta entre a comunidade e o passado escravocrata da região fica evidente em depoimentos colhidos por pesquisadores, como o de uma moradora ouvida para uma pesquisa realizada ainda na década de 1990 pela professora Grazielle Novato. Aqui você ouve o relato na voz da jornalista Victória Lôbo.

[ILUSTRAÇÃO - GRAVAÇÃO DE TRECHO DE PESQUISA]

“Eu nasci no Boqueirão, não sei há quanto tempo existe a comunidade, porque estou com 75 anos e desde quando me entendo por gente, aqui já era Boqueirão. Meus pais nasceram no Boqueirão também. Meus avós, eu conheci, minha avó

chamava-se Marcionília, meu avô chamava-se Roseno. Meus avós eram dessa região, eles foram do cativoiro. Eles pegavam os meus avós, amarravam e judiava deles presos. O cativoiro era lá no Boqueirão. Era mato, tudo mato, hoje só tem capoeira.”

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Mesmo antes de visitar o Boqueirão, assim como os outros quilombos nos quais fizemos entrevistas para esta série, uma coisa já estava clara: não bastaria pautar os diversos desafios e problemas que essas comunidades enfrentam, que, sim, são muitos, e precisam ser denunciados. Naquele setembro de 2023, falamos com Seu Jovelino, com Dona Josemira, entre outras dezenas de pessoas quilombolas, sobre situações absurdas e desumanas. Violações de direitos que acontecem cotidianamente à revelia do Poder Público, assuntos sobre os quais vamos nos aprofundar em detalhes até o fim desta série. Mas não dá pra avançar no presente sem compreender o passado e tudo que levou essa população, estimada pelo IBGE de 2022 em mais de 12 mil habitantes, às margens da sociedade.

[ILUSTRAÇÃO - REPORTAGEM DA TV UESB]

Dados da pesquisa Brasil Quilombola, que integra o Censo Demográfico do IBGE 2022, apontam que Vitória da Conquista tem a 10ª maior população quilombola do Brasil e a 5ª da Bahia. Durante a pesquisa, 12.057 pessoas se autodeclararam quilombolas. Essa foi a primeira vez que uma pesquisa apurou esse grupo populacional.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Você nunca se perguntou, afinal, por que tão pouco se fala sobre o passado escravocrata de Vitória da Conquista? E menos ainda sobre a importância da população negra, assim como da indígena, na construção da nossa cidade? E se o Boqueirão é apenas uma das mais de 30 comunidades quilombolas existentes no terceiro maior município da Bahia, por que tão pouca gente sabia disso até que os dados do IBGE 2022 viessem à tona?

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Aí é uma coisa importantíssima que agora o IBGE vem dizer para nós que Conquista é uma das cidades da Bahia que mais tem quilombolas... Mas porque o IBGE só olhou agora. Porque eu olhei isso a 33 anos atrás, eu sabia.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Essa voz é da professora e pesquisadora em história afrobrasileira, Grazielle Novato.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Porque os quilombos não nasceram num estalar de dedos porque o IBGE recenseou agora, eles todos estavam ali, mas eles não eram vistos da forma como deveriam terem sido vistos, entendeu? Então não há nada de novo, na grande população de quilombolas de Conquista, eles agora só foram registrados, só isso. Porque os Censos anteriores não tinha o critério ser quilombola para escolher como uma marca, só tinha o critério ser negro ou ser afrodescendente ou pardo.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A professora Gal, como é mais conhecida, é historiadora, antropóloga e integra o Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a UESB. Ela também coordena, em Vitória da Conquista, a área de história e memória afrobrasileira do Proler, o Programa Nacional de Incentivo a Leitura. Além disso...

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Estudo comunidade quilombolas há trinta e três anos.

É... sou mãe solo, mãe de, um menino autista de 15 anos, um rapaz. **Autista de 15 anos.** E venho debruçando sobre as questões que envolve negro desde quando, né, eu... eu me tornei professora de História da África da universidade, mas antes disso, desde quando milito enquanto movimento, enquanto mulher negra em Salvador, quando eu já militava, **enquanto mulher negra,** em várias organizações, né. Então, tudo isso antes de vir para Conquista, porque eu venho de Salvador, isso tem... foi me dando uma bagagem muito grande em relação às experiências, né as demandas que envolvem as questões de negros...

Então é isso... focada hoje **na na na...** em mostrar e publicizar a pesquisa negra, a escrita negra e levar isso para as escolas, para as universidades, para os debates, para que nós deixemos de ser os pesquisados da história e passamos... passemos a ser pesquisadores da história, os promotores de conhecimento.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Gal me recebeu para uma entrevista no início de outubro de 2023. Conversamos na sala de sua casa, um ambiente com paredes brancas, mas repleto de cores em itens e obras artísticas que logo evidenciam a sua devoção ao candomblé. Sentados em volta de uma mesa de vidro, ela me contou logo de cara o que ouvia sobre Conquista quando ainda morava em Salvador.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Lá em Salvador eu já ouvia muito dizer, né, que Conquista era uma cidade muito bonita. Que a micareta de Conquistas e os carnavais de Conquista eram muito bonitos. E eu sempre é... intrigada... que beleza essa que tava sendo tão aludida, até eu confirmar que a beleza era essa presença branca que se concentrava na Praça do Gil nos momentos de micareta. Então, Vitória da Conquista passa por um mito de branqueamento fortíssimo e é quando eu chego aqui que eu me deparo com isso.

E como eu sou uma pessoa muito envolvida com a parte cultural e... e com a parte, né, de representações... de de de.. de tradições que a sociedade é... sempre vem fazendo, pautadas na na na... no olhar negro. Então, eu chego de Salvador e procuro um bloco afro para eu sair aqui, pra dançar... que era o bloco afro Oriza Negra.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

E nós vemos uma micareta totalmente é... é... apartada. Então, a Praça do Gil passava os blocos todos brancos, e os blocos negros todos eram direcionados para a Bartolomeu Gusmão. Então, o bloco que eu saía era proibido sair na Praça do Gil, né, que era um bloco eminentemente das Pedrinhas. Era um bloco afro com... com... batuques e com sambas... sambas de roda e tudo mais.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E adivinha quando foi a única vez que o bloco Oriza Negra foi convidado para desfilar na Praça do Gil? Segundo a professora Gal...

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Quando nós fomos convidados para passar na Praça do Gil - a única vez - foi quando o Olodum vem de Salvador desfilar em Conquista. Então, já era o momento em que Michael Jackson já tinha saído no Olodum. Então, o Olodum já era outra personalidade, pela visibilidade de Michael Jackson. Porque o Olodum também passa pelos seus momentos difíceis no passado em Salvador, né? Eu vi isso lá, inclusive. Não é como é hoje. Então, chegar em Conquista e ver esse mito da branquitude, dessa beleza, dividida por essa festa extremamente popular... é uma festa onde mistura todo mundo, onde a gente diz que não tem discriminação, como não tem, né? Ah, porque o carnaval e futebol são democráticos. Aonde?

[LOCUÇÃO - KARINA]

Sabe essa ideia amplamente difundida de que Conquista é uma cidade majoritariamente branca? Uma... Suíça Baiana? Quando na verdade mais da metade da população local se autodeclara como negra? É a isso que a professora Gal está se referindo.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Então, Conquista ela vive esse mito da branquitude pensando na sede. Vitória da Conquista é uma sede branqueada. Mas o seu contingente de negros não está na sede. Na década de... de 2000 **O...** o Observatório AfroBrasileiro do Rio de Janeiro, ele nos pontuou, né... Conquista como o 50º município mais negro do Brasil, né, proporcional a sua população. Isso quando eu apresentei esses dados foi estarrecedor. Onde estão os pretos de Conquista? A mesma pergunta eu fazia quando cheguei. Eu via os pretos de Conquista é... no momento da festa, da micareta, na Bartolomeu. Via nos bairros mais antigos de Conquista, que é o Alto Maron, onde eu moro hoje e me sinto completamente abraçada pelos meus. É o bairro Guarani e o bairro Cruzeiro, né? Pedrinhas. São os mais antigos... São bairros eminentemente negros de Vitória da Conquista.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E aqui vale um parêntese que demonstra bem como esse mito da branquitude conquistense sobre o qual a professora Gal tanto fala está diretamente ligado ao racismo estrutural presente em nossa sociedade. Na entrevista com Afonso, ela contou sobre uma situação que vivenciou quando morava no bairro Candeias, antes de se mudar para o Alto Maron.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Eu morei no Candeias, o carteiro tocou a minha casa, eu abri e ele: “a senhora pode chamar a patroa para assinar o sedex?”. **Afonso**: Nossa... **Gal**: Eu estatalei. Eu olhei para o carteiro, negro como eu, e falei: “como senhor?” “Oh menina” - o menina a gente gosta né? “A senhora poderia chamar o carteiro... chama sua patroa para assinar o sedex. O que o carteiro fez comigo? O que ele viu em mim para dizer uma frase daquela? Ele me viu não dona da casa, porque a casa fica onde? No Candeias. Ele me viu a funcionária da casa, nunca a dona. Então... “Menina chama a sua patroa”. Ele me viu analfabeta, porque se ele fala “chama ela pra assinar”, eu não sei assinar. De antemão, ele me viu analfabeta. Ele me destruiu enquanto mulher e enquanto ser negro, numa breve frase. Sem ele perceber que tava fazendo aquilo. Eu chamei ele, convidei pra entrar, conversei com ele, ofereci um cafezinho. Ele ficou estatalado. “Eu nunca imaginei uma coisa dessas”. Eu: “Senhor... o senhor acabou comigo em uma frase. O senhor disse que eu não era dona, que eu não podia ser a dona, o senhor me julgou como o ser negra como ser nada. Só ser a empregada da casa e não saber nem assinar o Sedex. E ficamos um

olhando para o outro assim. E aquilo remexeu com toda a minha existência. Foi uma das coisas mais chocantes que eu já vi na minha vida em relação a... a... me repensar enquanto ser humano negro. Foi terrível. E ele... com os filhos deles todos negros iguais a mim... “O senhor não faça isso por favor com mais ninguém. Pode ser um filho seu que vai receber uma visita, né. Por que o senhor não perguntou: ‘quem é que pode assinar o CPF?’ Bastava isso.” Porque eu podia dizer: “vou chamar alguém ou dizer ao senhor: ‘eu mesma assino’, mas o senhor preferiu chamar a minha patroa”. Vitória da Conquista.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Vitória da Conquista. É com o nome da cidade que a professora Gal resume o seu relato. Eu me pergunto como ainda podem chamar isso de “mimimi”. Não é. Nunca foi. Nem nunca será.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Afonso: E é uma Vitória da Conquista que ainda se tenta embranquecer, né? **Gal:** Completamente. O tempo todo. O tempo todo se tenta embranquecer, enaltecendo a cidade... Ah, “Conquista agora é só Olívia Flores”, né, mais nada.

Você recebe uma visita você só leva na Olívia Flores. É restaurante que tem lá, é casa de show, é supermercado, é não sei o quê, é loja. Tudo você vai pra Olívia Flores.

Então, isso me inquietou muito quando eu cheguei aqui, essa branquitude toda. E quando eu comecei a pesquisar eu fui vendo que os negros de conquista estavam na zona rural, na área rural, tanto que [n]a área rural de Conquista a população negra é maior na rural do que na urbana.

E aí foi quando eu comecei a fazer as viagens todas e perceber essa negritude que a rodeava a sede do município de Conquista e que certamente foram expurgos... expurgados na limpeza étnica do século 19 e em todas as outras manifestações racistas e segregativas, né, que a sociedade vem fazendo para que o negro não esteja incluso nessa sociedade que é patriarcal, né, que é machista, que é é é... racista, né? Que não respeita as diferenças, que é homofóbica, e tudo mais, né, sexista, então a gente observa os negros de Conquista alocados no entorno da sede.

[LOCUÇÃO - KARINA]

É justamente no entorno da cidade, sobretudo na zona rural, que ficam localizadas praticamente todas as comunidades quilombolas de Vitória da Conquista. Apesar de ao menos 32 terem sido certificadas como quilombos pela Fundação Palmares, já

foram identificadas mais de 40. Esse é um número expressivo e de grande significado para entender tanto a história da escravidão no âmbito local quanto a trajetória de pessoas negras que se estabeleceram na região, motivadas por situações diversas. Na sede, inclusive, o primeiro quilombo urbano do município, a Comunidade de Vó Dôla, já aguarda também a sua certificação como remanescente quilombola, ainda não obtida até a data de publicação deste episódio.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Mas voltando um pouco tempo - voltando bastante no tempo, aliás - é preciso destacar que a limpeza étnica citada pela professora Gal não aconteceu só no século 19. Ela começa bem antes, no exato momento em que os colonizadores pisam os pés no território indígena da região que ficou conhecida na historiografia conquistense como Sertão da Ressaca. Isso porque alguns estudos apontam que a chegada de pessoas negras fugidas da escravidão nessa localidade, assim como a formação de quilombos, é possivelmente anterior à dos próprios colonizadores.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Os sertanistas que invadiram a região a mando da Coroa Portuguesa, no início do século 18, tinham como objetivo não apenas descobrir minas de ouro e metais preciosos ou estabelecer fazendas de gado, mas também destruir quilombos que encontrassem no caminho. Além disso, registros antigos sobre as incursões daquele que é erroneamente tido como fundador de Vitória da Conquista, João Gonçalves da Costa, indicam que ele já obrigava pessoas escravizadas a acompanhá-lo em suas atividades. É o próprio capitão-mor, inclusive, que informa numa carta remetida à então Capitania de Ilhéus que havia encontrado aldeias indígenas com a presença de negros fugidos do processo de escravização. Aqui, na voz da jornalista Victória Lôbo, você ouve um trecho do documento descrito pela professora Maria Aparecida Silva de Sousa no livro “A conquista do Sertão da Ressaca”.

[ILUSTRAÇÃO - GRAVAÇÃO DE TRECHO DE LIVRO]

“Devo dizer a Vossa Mercê que em algumas destas aldeias se acham metidos alguns escravos que fugiram lá debaixo e um mulato ladino que me dizem, é capitão de uma das aldeias [...]. E esta foi uma das razões porque não resolvi fazer a paz, receoso de que os ditos escravos me fizesse alguma traição, vendo-me com tão pouca gente”.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Outro relato descrito no livro da professora Maria Aparecida que também aponta para a presença negra no Sertão da Ressaca antes mesmo da invasão portuguesa é do Príncipe Maximiliano Wied Neuwied. Seu olhar racista contra a população

originária local demonstra que já era evidente, no início do século 19, o processo de mestiçagem entre negros e indígenas da região.

[ILUSTRAÇÃO - GRAVAÇÃO DE TRECHO DE LIVRO]

“Tinha nas margens do rio o resto de tribo de índios que a si mesmos dão o nome de Camacãs. Os portugueses denominam-nos ‘menian’. Segundo aprendi, esses ‘menian’ constituem realmente um ramo dos camacãs, porém degenerado. Não são mais da raça indígena pura, tendo a maioria deles o cabelo encarapinhado dos negros e também a cor escura”.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Ao tratar da presença de negros nas origens de Vitória da Conquista, alguns pesquisadores também destacam uma possível contradição entre o discurso de superioridade “branca” e de heroísmo dos colonizadores europeus com a suposta ideia de que o homem que liderou o processo de colonização na região seria, na verdade, ele próprio descendente de pessoas escravizadas. Em sua dissertação de mestrado, o professor e pesquisador Washington Santos Nascimento, que é graduado em História pela UESB e doutor em História Social pela USP, chega a afirmar que toda a família de Gonçalves da Costa seria composta majoritariamente por negros e mestiços, tendo sido, abre aspas, “enbraquecida ao longo da história”.

[ENTREVISTA - WASHINGTON]

E aí eu acho que, de alguma maneira, a historiografia local nunca assumiu este lugar, nunca verbalizou esse lugar de homem negro do João... do João Gonçalves da Costa.

A historiografia local deveria ter assumido isso com mais força, com mais veemência, e tornado isso história pública, né, porque de fato isso não se tornou história pública.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Entretanto, a posição do professor Washington diverge do que pensa a professora Gal, que destaca o perigo em torno da falta de dados e, principalmente, documentos mais precisos sobre a origem do capitão-mor.

[ENTREVISTA - GAL]

Existe muita... muita.. muito equívoco e falta de documentação sobre o mito fundador de Conquista ao dizermos que João Gonçalves da Costa era um homem preto.

Isso é um perigo para a história da cidade, que tem presença negra nas famílias, como eu te disse, que eles chamam de amulatados, temos. Os negros estavam aqui, os indígenas estavam aqui, é isso. E não adianta que a mistura acontecia, seja de qual forma fosse. Agora, essa presença negra que Vitória da Conquista tem voltada para esse fundador João Gonçalves da Costa, isso é uma coisa que precisa ainda de muito estudo de muita busca e os documentos até hoje encontrados não registram isso. Existem documentos recentes que João Gonçalves da Costa era baixinho e branco, muito branco. Como aí você pega outro livro e vê relatos que João Gonçalves era um homem negro que veio alforriado de Portugal, e que era chamado capitão da gente preta. Que tinha no seu contingente 62 homens negros que também ele levava, que também eram militares. Isso é uma coisa muito cuidadosa porque a gente não vê os documentos. A gente vê os relatos. Então, o que acontece: a tradição oral mente? Não. A história mente? Também não. Se a história é socialmente construída, a tradição oral também é. Então, você pode mentir escrevendo e você pode mentir falando. Então, o que se faz com a tradição oral é saber interpretar essas falas, esses interlocutores e essas pessoas que falam do passado, daquilo que ainda não foi escrito.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Nesse ponto específico da história, não dá pra simplesmente afirmar o que é fato ou não em torno da origem de João Gonçalves da Costa. Mas numa coisa tanto a professora Gal quanto o professor Washington concordam, até porque não teria como discordar, pois isso sim é um fato: a mestiçagem fez parte tanto da formação histórica das famílias dos colonizadores quanto das comunidades quilombolas em si. E aqui o que nos interessa, obviamente, é o segundo grupo. Então não tem porquê ficar dando mais espaço e protagonismo aos colonizadores do que a historiografia local já deu.

[LOCUÇÃO - KARINA]

No caso dos quilombos, os contatos étnico-raciais entre indígenas e negros de origem ou descendência africana são um aspecto central do processo de formação dessas comunidades em Vitória da Conquista. Segundo o professor Washington...

[ENTREVISTA - WASHINGTON]

O que a gente percebe é que nos processos de violência que foram empreendidos na região, essa população negra e essa população indígena, elas foram se juntando, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Já a professora Gal vai além...

[ENTREVISTA - GAL]

Eu diria para você que os quilombos de Conquista majoritariamente são afroindígenas.

Primeiro que os quilombos eles não são formados só de negros. Essa população é completamente mestiça, desde a época da escravização que os quilombos ocupam né... degradados é.. pessoas que fugiam de prisões também eram recebidos em quilombos, mulheres que eram sequestradas, mulheres brancas sequestradas, tanto que elas não ficavam sozinhas andando por aí. Várias novelas que a gente vê é pura brincadeira aquilo ali, de Sinhá Moça ficar passeando com uma sobrinha no pasto onde toda a fazenda é... é... povoada de escravizados isso é impossível porque a reação sempre existiu. Então, os quilombos de Conquista são mestiços e muito afroindígenas até por conta de Conquista ser um território indígena né. Isso é uma marca muito grande, e todos aqueles que eu estudei, eu estudei muitos quilombos, muitos... mais de trinta e nove, todos aqueles a presença indígena é muito grande, onde eles chamam de caboclos, porque o nosso sertão da Bahia chama o casamento entre negros e índios de caboclos, né.

Afonso: Nossa, isso... tem uma relação tão forte com... uma família que a gente entrevistou na temporada passada, porque a gente... uma das comunidades que a gente visitou é... para a temporada passada do podcast foi .. Batalha e Ribeirão dos Paneleiros, né. E aí Juliana, que é filha de dona Maria Elza, tava relatando justamente isso, dona Maria Elza tem os traços indígenas muito forte, o fenótipo é muito marcante. É.. ela fala que é.. que o pai dela não, já tinha os traços os fenótipos de de.. uma pessoa negra mesmo, entendeu. E ela falando que hoje o principal desafio é... por questão identitária que eles enfrentam lá é buscar ter direito a esse reconhecimento enquanto afroindígenas e não só ou como quilombola ou somente como indígena, né. Infelizmente ela destaca que em termos jurídicos isso ainda não existe, a legislação não permite, ou você é indígena ou você é quilombola. Quando na verdade não tem como fazer essa distinção total, né? **Gal:** É... é... Primeiro que o conceito de quilombo vem da academia, né, e muitos quilombos que você vai, se você usar a palavra quilombo eles não sabem o que é. Agora não porque muita mídia, né, muita coisa, mas eu tô falando de quando eu comecei a pesquisar inclusive, até pouco tempo atrás, eles chamam de terra de herança. “E essas terras aqui? Isso aqui é um quilombo?” Eles: “Não, isso aqui é uma terra de herança, passou do meu bisavô pro meu avô, pro meu pai, pra mim e tô passando para os meus filhos”, né. E nós temos mais ou menos datados aqui quilombos aqui na região de 200 anos, de 180 anos, né, com ocupações variadas, quilombos de Conquista têm várias características, por exemplo, terras doadas por senhores, que favoreceram alguns negros por conta deles terem cuidado das suas

famílias até o fim da vida, enquanto o filhos brancos tinham abandonado seus pais. Então, nós temos vários documentos de Conquista, o professor Tom sabe disso, de negros que recebem doação de terra, né. E aí cria sua uma comunidade lá e vai se nascendo uma comunidade quilombola de negros. Mas aí... o que não impede de que ela seja miscigenada. É... é... também... é uma coisa muito identificada dentro da história dos quilombos do Sertão da Bahia e aqui na nossa região que nós chamamos de Sertão da Ressaca, né, essa presença indígena juntamente com os negros não só através desses casamentos, promovidos inclusive pela colonização, mas também através de ensinar às matas... como fugir, como espacar, ensinar as ervas medicinais.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

De acordo com a professora Gal, existe sobretudo uma confluência muito grande entre os conhecimentos indígenas e africanos voltados para os saberes da natureza.

[ENTREVISTA - GAL]

Nós estamos falando de dois... de duas populações que têm a natureza como divindade, que têm a natureza como fonte de vida, como fonte de energia. Então, são dois povos que acreditam em todos os seres vivos, vivos, em pé, né. Então, isso é uma coisa muito bonita e que traz um sagrado voltado para essas duas contingências, que formam esses povos.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A primeira coisa que ficou clara pra gente no processo de apuração para esta série é que a palavra quilombo se tornou muito mais do que somente um nome dado para comunidades constituídas exclusivamente por pessoas de origem ou ascendência africana que resistiram à escravidão. Em Conquista, particularmente, é comum encontrar num mesmo quilombo tanto descendentes de pessoas negras escravizadas quanto de habitantes originários que encontraram acolhimento nesses locais num momento da história em que indígenas eram perseguidos e exterminados. O termo, portanto, virou de fato sinônimo de resistência. Uma resistência comum e necessária a grupos que foram e continuam sendo excluídos e colocados à margem da sociedade.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Em alguns núcleos quilombolas do município, a presença de pessoas com a pele retinta é bastante acentuada, como no caso de Furadinho, Velame e Boqueirão, formados, principalmente, por descendentes de negros fugidos ou alforriados. Já em outras comunidades, como a Batalha, um território que concentra três quilombos, a

ascendência indígena é o que se sobressai. E uma coisa que precisa ficar muito clara é que o fato de moradores dessas comunidades lutarem pelo seu reconhecimento de etnia enquanto indígenas, como mostramos na primeira temporada deste podcast, não exclui em hipótese alguma, sua identidade quilombola. Para o professor Washington Nascimento, isso, na verdade, é fundamental para que essas pessoas sigam resistindo e sobrevivendo ao processo de marginalização do qual são vítimas.

[ENTREVISTA - WASHINGTON]

É.. Eu acho que a ideia de quilombo enquanto uma identidade política, enquanto um lugar de fala, né, ah... ela é essencial pra essas populações, sobretudo pra demandar políticas públicas pra essas comunidades, né? Ah.... Eu tive um trabalho... uma experiência, né, com as comunidades é... quilombolas do... de Bom Jesus da Lapa, do entorno ali, né. A Fátima, e o Nivaldo, que são professores da Uneb, me convidaram para mim e lá, pra gente bater um papo com aquelas comunidades, e a gente foi preparado com temas mais acadêmicos né.. ah... e o que me chamou muita atenção é que aquelas populações não estavam querendo falar de temas acadêmicos, naquele momento, naquele contexto, o grande problema daquelas comunidades quilombolas era acesso a água. Então, ser quilombola é uma identidade política que permitiu aquelas comunidades demandar ao Estado acesso à água, né. Então, é essencial que essas comunidades se percebam como quilombola, criem identidades políticas enquanto quilombolas para que elas possam demandar também políticas públicas para questões que são essenciais como água, por exemplo.

O olhar de fora, né... Esse olhar de fora, né, do que é que seja uma comunidade quilombola, do que é que não seja, isso tem modificado muito ao longo dos anos. E aí eu acho que há uma historiografia, mas há particularmente uma antropologia que tem visto isso de uma forma muito menos estereotipada, muito menos homogênea e tem percebido o quanto a potência dessas comunidades enquanto espaços também misturados.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Outro ponto importante é que a construção dessa identidade quilombola que tem raízes africanas e indígenas, em alguns casos, fica evidente na própria história por trás da formação de um determinado território. É o caso, por exemplo, da região conhecida como Lagoa de Maria Clemência, na zona rural de Vitória da Conquista. Ela compreende um conjunto de não duas nem três, mas oito comunidades quilombolas, onde moram mais de 800 famílias que vivem, principalmente, da agricultura, com destaque para a produção de andu.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

São elas: Oiteiro, Poço de Aninha, Taboa, Manoel Antônio, Muritiba, Caldeirão de Leôncio, Riacho de Teófilo e mais um quilombo que recebe o mesmo nome de todo o território: Lagoa de Maria Clemência. É sobretudo esse nome que guarda, a princípio, a origem afroindígena desse lugar. Quem nos contou mais detalhes sobre esse passado foi o atual coordenador geral da Associação de Agricultores Familiares das Comunidades Remanescentes de Quilombo de Oiteiro e Região, Valdenício Santos, mais conhecido como Denício. Ele nos recebeu no dia 23 de setembro de 2023, plena época de colheita de andu, na sede da associação, que hoje representa sete das oito comunidades do território, já que o povoado de Lagoa de Maria Clemência, onde aliás fica a lagoa, tem o seu próprio CNPJ.

[ENTREVISTA - DENICIO]

Afonso: E.. me conta um pouco sobre a história aqui da comunidade Denilcio. Como que surgiu assim.. o que seus antepassados, seus avôs... o que contavam sobre a história do Oiteiro e sobre a região de Lagoa de Maria Clemência?

Denilcio: Maria Clemência, na verdade, era uma... uma índia, né. Na época... aí em Conquista, eles... vocês sabe... soube que mataram muitos índios aí na época, né, e ela foi uma das que re... fugiu de lá. E assim ela vindo pra cá ela encontrou essa lagoa dentro dos matos aí, nas matas aí.. Aí ela fez um barraquinho lá e... aí começou é é.. começou... Vivia da caça, segundo... ela vivia da caça. E conta-se que ela casou-se com um padre, ela viveu com um padre e começou a construir famílias. Ela marcou esse terreno. Esse terreno dela é muito grande, tem muitas comunidades aqui, a gente fala um território com 7 comunidades, mas que tem essa associação, mas tem mais Baixão, tem mais Ribeirão dos Paneleiros, tem mais Batalha, tem mais Lagoa de Arroz. Enfim... tudo é território de Maria Clemência. E assim conta que ela foi... depois se separou desse padre, depois ganhou dele essa... essa terra, né. E assim construiu essas famílias que hoje vivem aqui ainda que somos nós. **Afonso:** Ah.. As famílias.. As vezes que foram separando, que foram formando essas outras comunidades. **Denilcio:** Formando comunidades. Vou lhe dar um exemplo. Ali nós tinha o Poço de Aninha. Às vezes a gente pergunta por que o Poço de Aninha? Porque segundo as informações, ela tinha uma filha que chamava de Aninha, né. E lá ela abriu um poço pra poder ela tirar água, para poder lavar roupa, para poder né.. Então, quando os outros vizinhos queriam apanhar água, tinha que pedir a ela. “Vamo pedir a Aninha”, “vamo lá pra poço de Aninha, o poço de Aninha tá ten do muita água” e assim... Tem outra comunidade ali que chama Lagoa da Taboa, que era outra lagoa que foi do território dela, mas era tomada de taboa - mato cria dentro da água. Então, ficou Lagoa da Taboa. Manoel Antônio é... descendente dela. Caldeirão de Leôncio, Caldeirão de Leôncio porque lá nesse caldeirão, nesse mesmo território, tem muitas pedras, muito lajedos grandes. E lá eles quebrou os lajedos, fez aqueles buracos pra juntar água e lá chamava de caldeirão. Então, esse Leôncio fez isso, pra a própria família dele é é...

ter aquela base de ajuda pra... pra poder tá panhando água, pra poder guardar água, foi na pedra, no lugar que ele fez na pedra. Aí chamava caldeirão de Leôncio e hoje a comunidade é Caldeirão de Leôncio. Riacho de Teófilo tá ali... é um córrego que tem, que é onde Teófilo morava. Esse Teófilo é um dos mais recentes que morreram. Inclusive aqui ainda tem esse homem que doou esse terreno aqui é neto de Teófilo Lemos, que era descendente de Maria Clemência também. Esse rapaz ele morreu tem uns oito anos, o que doou o terreno pra gente, o velhinho. Ele era neto de Teófilo Lemos, que é lá do povoado, da comunidade do Riacho de Teófilo. E assim sucessivamente foi.. foi.. **Afonso:** E o Oiteiro? Qual a história por trás (Risos). **Denilcio:** Aí eu quero saber (Risos) **Afonso:** Ainda não sabe? **Denilcio:** É o que a gente quer saber. Segundo eles... segundo eles já me informaram que tinha uma estrada aqui que era como se fez.. como se fizesse um oitão dentro da comunidade, mas a gente não acha, não sabe, não vê, não tem mapa dessa estrada. Que a estrada fazia isso dentro da... da comunidade e aí eles chamavam de Oiteiro, mas isso aí a gente não sabe.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Conhecer essas histórias, os significados por trás dos nomes das comunidades, ouvir esses relatos sempre é a melhor parte dessas apurações, apesar de que não foram em todos os quilombos visitados que encontramos pessoas que sabiam a origem por trás do nome de seu povoado.

[ENTREVISTA - GAL]

Nesse momento em que você ouve esses antigos contarem, a história vem à tona. **[LOCUÇÃO - AFONSO: AQUI DE VOLTA A PROFESSORA GAL NOVATO].** São as memórias que saem do subterrâneo como Polak nos ensina, né, e ela vem e toma fala. Então, é o dito. Então a gente ouve muita coisa nesse momento processo de reconhecimento e conhece muita coisa da própria história de cada grupo, a partir inclusive do próprio nome. O nome de cada comunidade tem muito a dizer sobre aquela comunidade. É uma coisa impressionante. Por exemplo, Lagoa de Melquíades, você tem que saber quem é Melquíades, né. E aí você vai compreender muita coisa da... da... do povo daquela região. O Boqueirão... Aqui ele é erroneamente chamado 'Boqueirão dos Negros', 'Boqueirão dos Pretos'. Eles não gostam. O Boqueirão é um buraco dentro da serra. É exatamente como eles se alocam ali, né. A gente sobe assim e depois desce, como a localização do Boqueirão.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Voltando à entrevista com Denício, ele também nos contou sobre a ligação da sua própria família com a líder indígena Maria Clemência.

[ENTREVISTA - DENICIO]

Victória: Eu ia perguntar se... a história mesmo da sua família, né, se tem alguma ligação com Maria Clemência...? **Denicio:** Completou um ano, foi recente, completou um ano que uma das mulheres mais velhas daqui da comunidade faleceu. É... Era bisneta de Maria Clemência. Ela morreu com 120 anos. Todo mundo aqui conhecia ela por Mãe Zil. Era madrinha Zil porque todas as pessoas que vivem aqui, no caso meu pai que tá com 97 anos e foi nascido e criado dentro da mesma casa, todos são descendentes de Maria Clemência, vem da mesma família. Agora só que por ser tão longa a história de Maria Clemência, a gente não sabe em que ponto chegou, de quem era... de quem eram os pais dele, o que os pais dele eram de Maria Clemência, se eram bisnetos, tataranetos, ninguém sabe por que... **Afonso:** Vocês chegaram a fazer a árvore genealógica? **Denicio:** Não não, porque a história é muito longa... Maria Clemência, a gente baseia que é de 250 anos mais ou menos atrás. Porque essa velhinha morreu com 120 anos. Ela... ela não conheceu Maria Clemência, ela só conheceu a história, com 120 anos. Então, eu nem sei se a mãe dela conheceu, que eu acho que se a mãe dela tivesse conhecido, a mãe dela tinha passado para ela alguma informação melhor. Ela contava muitas histórias de Maria Clemência. Contava que Maria Clemência era brava, ela vivia nos matos, tinha arma, fazia ela mesmo arma pra ela caçar. Ela contava várias histórias, mas que a mãe dela contava, né. Os... os.. a mãe dela contava que a mãe... que a avó dela contava pra mãe dela. Mas ela não. Eu nem sei se, na verdade, ela era bisneta mesmo ou se era mais longo ou se era mais próximos.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Se por um lado as histórias de alguns quilombos conquistenses evidenciam sua ligação direta com os povos originários de Vitória da Conquista, em outros casos, a formação dessas comunidades tem uma relação mais próxima com o passado escravocrata da região.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Quem contava essa história era meu... meu avô, João Jesuíno Camões. Tinha uma outra senhorinha que chamava Jesuína Maria, que nós conhecia ela como “Mãe de Gum”, que era uma... uma parteira aqui da... da comunidade. Era a parteira, a rezadeira (Risos enquanto interage com as mulheres).

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essa voz e esse riso leve e contido é do historiador e atual presidente do Conselho das Associações Quilombolas do Sudoeste Baiano, Domingos Lemos. É ele quem

compartilha com a gente a história por trás do nome da comunidade onde nasceu, cresceu e vive até hoje: o quilombo de São Joaquim do Sertão,

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Tinha um outro senhorzinho também que chamava João... João Moraes, que era... Morreu, com noventa e... 98 anos, e ele tinha... contava essa história. Disse que, em um determinado período que eles não sabem especificar quando. **Afonso:** Sim. **Domingos:** Diz que um senhor chamado... Joaquim, que era um... diz que era um escravo numa fazenda aí pela essa região de Caraíbas fugiu lá da fazenda e vêi cortano mato por aqui só tinha, era região de mata... aí, veio parar aqui nessa, nessa região.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Segundo o que conta Domingos, o local onde Joaquim veio parar era bom pra caça e tinha água potável, além de três nascentes, tanto que o primeiro nome com o qual o lugar foi batizado era 'Olhos d'Água de São Joaquim'. Mas continuando a história...

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Por tá muito só, diz que resolveu retornar lá pra, pra... região lá ver se encontrava por alguém, aí diz que, conseguiu trazer os, os familiares e foi ficando por aí. Aí diz que com o passar do tempo é... o próprio dono da... dele, diz que... que encontrou, encontrou com ele, aí diz que reivindicou as... as terra como sendo proprie, propriedade da... da... da fazenda, e aí deu o nome de fazenda, fazenda... não diz que a princípio era Olhos d'Água de São Joaquim, por conta das nascente aí depois que registrou, segundo eles diz que... eu num num averigui não mas diz que é registrado lá no... no cartório de, parece que Caitité, como fazenda Fazenda São Joaquim.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O que mais me choca nesse relato é a cara de pau do escravocrata, coisa típica de grileiros, como a gente vê até hoje, de reivindicar terras que ele nem provavelmente saberia da existência se não fosse pelo quilombola Joaquim.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Mas diz que essa fazenda num... num se tornou produtiva aí diz que ficou lá, abandonada... abandonada por aí o povo foi ficando e foi chegando gente e foi agregando mais pessoas, e acho que por aí tamos nós aí só que, Joaquim eu não sei ponde, ponde foi parar e a gente num conhece mais também os descendente

de, de de Joaquim também não num sei se, se mudou não num, num tem nenhum ninguém assim que reivindica o parentesco com, com o Joaquim.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Será que esse parentesco ou descendência não está no “tamos nós aí”? Ou também, como afirma o próprio Domingos...

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Pode ser que Joaquim seja só uma... uma... uma maneira deles... deles relatar a história... **Vic:** a fuga, né... **Domingos:** quando eles, quando eles falava do processo de escravidão também que a gente perguntava pra ele “mas cê chegou a ver algum, chegou ver o processo de escravidão? seu avô chegou a ser escravo ou seu pai?” “Não, não, nós não foi escravo não!” Eles... eles contava a história da escravidão mas... mas quando chegava neles eles falava que não, porque eles não, eles num foi escravo e que eles via falar mas num, num aceitava que eles foro escravo não... [pessoas interagindo com a conversa ao mesmo tempo] acho que por trauma... **Solidalva:** por medo né, porque... na verdade deveria ter medo né? Trauma.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essas outras vozes que você ouve na gravação são de Solidalva e Maria Aparecida, moradoras de São Joaquim que também estavam presentes no momento da nossa conversa com Domingos.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Domingos: Vai que volta. Vai que tá, vai que tá querendo, tá perguntando é pra, pra saber como é que foi a história pra no... nos, nos pegar os, os parente? Porque sempre relatava, diz que ia “voltar o tempo das... vai voltar o tempo das escravidão de novo e que... marrava o pessoal com ferro, botava pra...”, e eles tinha medo de de, eles sempre contava que esse tempo podia voltar, então eu acho que eles negava esse processo escravidão. Quando perguntava se algum, algum descendente da família tinha sido escravo eles negava: “não...”. **Vic:** Contava a história como se não tivesse passado... **Domingos:** Com eles, não. “Foi Joaquim, foi os parentes de de, de Joaquim mas da nossa família não teve”... “e tem algum parentesco com o Joaquim?” “não, o Joaquim não é parente nosso não”. E aí ficou essa, ficou essa essa lacuna aí que a gente não conseguiu preencher.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Uma lacuna não preenchida. Um medo que guarda um passado que continuam tentando apagar da história de Vitória da Conquista. Uma cidade que parece fazer de tudo para apagar não apenas suas origens indígenas, mas também sua herança africana. E mais ainda, a própria importância dos povos originários e afrodescendentes para a construção do município. E aqui a gente precisa recorrer novamente aos olhares historiográficos para compreender melhor essa realidade, começando por alguém que, além de ser historiador, trabalhou diretamente no processo de reconhecimento e certificação de quilombos conquistenses, Afonso Silvestre.

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Eu chamo de Conquista profunda esse lugar ainda obscuro, né? Que as pessoas não conhecem e não reconhecem, que é o passado de Vitória da Conquista. As pessoas conhecem a história dos “homens bons”. **[LOCUÇÃO - AFONSO: CONTÉM IRONIA]**. Mas as pessoas não conhecem a história dos empregados dessas famílias de “homens bons”. Não conhecem a história das mulheres que cuidaram dos filhos dos homens bons, que vieram a ser interventores, vieram a ser prefeitos, né. A cidade conhece, por exemplo, a casa do Régis Pacheco, mas a cidade não sabe que... a casa foi construída com mão de obra é... quilombola.

E essas pessoas não eram vistas, né? Mas elas têm uma participação na cidade. Eu... eu costumo contar a história de um, de um, de um quilombo que tá sendo reconhecido agora, que é um quilombo urbano... As pessoas eh... desciam das Pedrinhas, né? Que é o Beco de Doula fica lá nas pedrinhas, e elas, elas traziam a água, elas vinham trabalhar nessas casas e traziam na lata... nas latas, na cabeça, a água, porque não tinha água encanada, nem todas as casas tinham cisternas. E, quando a gente ouve as pessoas mais velhas, eh... ou até mesmo é possível verificar nos arquivos do fórum, essas pessoas elas sofriam todo tipo de violência que cê pode imaginar dentro dessas casas.

Da mesma forma os homens. Eles desciam né, tinham que vencer a cidade, conseguir emprego, eles trabalhavam na construção civil, na construção dessas casas. Eles não só construíam, como eles traziam as pedras lá de cima, por isso que chama Pedrinhas, eles tinham que quebrar aquelas pedras maiores pra torná-las possíveis de serem carregadas, né, transformavam as pedras grandes em pedrinhas, e traziam as pedrinhas, e eles também sofriam todo tipo de abuso, né? Da falta de remuneração, até mesmo a violência física. Então essas pessoas sempre invisibilizadas, mas elas têm uma responsabilidade muito grande na construção dessas, dessas, dessa cidade.

Nem essas pessoas são percebidas, quanto a própria... o próprio é... racismo também né, da... dos racistas, não é percebido, né? Então, houve esse apagamento.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A professora Gal Novato complementa a explicação de Silvestre ao destacar outras profissões delegadas a pessoas negras no processo de escravização em Conquista, inclusive quando já se dizia que esse período tenebroso da nossa história tinha ficado pra trás.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

As lavadeiras de roupa, né, que o bairro das Pedrinhas era um bairro de foco de lavadeiras que lavavam roupas para a cidade inteira **hum...** para a população branca de elite de Conquista. Nós temos é.. os... os... vigias, né, que hoje nós chamamos de segurança, vigia de casa, vigia de prédios, vigias de clubes, vigias de casas comerciais, também era uma profissão destinada a população negra. Então, como as funções que foram delegadas para os negros depois da escravização, a cidade não favoreceu muito, a um destaque enquanto um status econômico e social, a gente fica ali naquelas... naqueles lugares sem muita mobilidade, sem muita oportunidade de circulação. Então, o que acontece com a história de Conquista é uma grande lacuna em relação à constituição de...da sua sociedade e do seu povo, né, eliminando ou ausentando da sua história tanto a participação negra como a participação indígena, desses contingentes importantíssimos para a criação da cidade.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Gal ainda acrescenta que, no pós-abolição, assim como aconteceu em todo o país, parte considerável das pessoas negras que residiam na cidade ainda é expulsa das áreas urbanas para dar lugar à mão de obra imigrante que chegou por aqui.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Então, a mão de obra imigrante ocupa a mão de obra negra nesse país e a gente de novo é discriminado nos ambientes de trabalho. Então, **é é é....** essas comunidades quilombolas elas vão crescendo no entorno, na zona rural, por quê?

Os quilombos só são rurais? Não. Os quilombos são urbanos também, mas a maioria são rurais, exatamente porque eles são expulsos da possibilidade de frequentar aquela elite que no passado a elite vivia no Centro.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E pra completar a tríade que guia esse panorama histórico do processo de marginalização da população negra e quilombola de Vitória da Conquista, eu trago de volta o professor Washington Oliveira.

[ENTREVISTA - WASHINGTON]

Não é à toa, não é aleatório o fato de que essas comunidades quilombolas, elas estão no entorno de Vitória da Conquista. Elas não estão em lugares escondidos, elas não estão em lugares longínquos, no meio de uma serra, elas estão literalmente no entorno.

Então, por que elas estão no entorno? Porque elas foram expulsas depois do processo de.. de abolição, de escravização, elas foram colocadas lá no entorno, mais ou menos no entorno no qual elas pudessem fazer dois tipos de trabalho. uais são esses dois tipos de trabalho: primeiro servir de mão de obra barata pro senhores, pro café de Vitória da Conquista, pro gado de Vitória da Conquista, né, e uma segunda tarefa dessas comunidades que era é.. alimentar essa cidade, né. Da onde é que vem a comida da pessoa que mora em Vitória da Conquista? Da onde é que vem? Se você for na feira, na feira livre de Vitória da Conquista, eu já tive essa experiência, você vai ver o tanto de comunidade quilombola que estão ali.

Então, o fato dessas comunidades negras terem sido colocadas no entorno, faz parte desse processo de embranquecimento da cidade no pós abolição.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Nada de acaso, caro ouvinte. Aqui as coincidências, definitivamente, não são o X da questão.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

Então... **[LOCUÇÃO - AFONSO: GAL NOVATO MAIS UMA VEZ]** O que acontece com a negritude de Conquista é que ela vai para esses lugares é... é.. onde, onde... não são respeitados, onde não se tem processo de inclusão, como a própria história do Brasil fez conosco depois da abolição. Não existe um projeto de inclusão da população negra, é total abandono de todas as formas de educação, de alimentação, de dignidade, de onde viver, de como viver. Nós temos um inchaço muito grande das comunidades quilombolas depois da abolição, porque sem terra, os negros procuram as terras devolutas do Estado, e ocupam ali como território de... de.. não só de resistência, mas de sobrevivência. Porque os quilombos mais que o critério de resistência é um território de sobrevivência. É um... um... lugar possível de você sobreviver frente a sociedade que é é é... escravista, perseguidora, cruel. Como foi.

Os quilombos são comunidades extremamente importantes, né, por ter sobrevivido ao processo escravista e sobrevivido ao pós escravista também. São comunidades importantes por ter nas suas origens elementos africanos importantíssimos que fazem um destaque da história do Brasil ser uma história negra. A história do Brasil, nós negros não brotamos da terra nem caímos de paraquedas. Nós viemos trazidos para cá, no tripé terrível da escravização que é a subtração, o enraizamento de nós negros vindo de África, que é... o tráfico, né, esse movimento horrendo, que foi o traslado nosso na crueldade do tráfico, na forma como foi feita, e aqui na desumanização. Nós fomos desenraizados, desestruturados e desumanizados. E depois nos é inculcado a nossa incapacidade de pensar, de ter inteligência e ser superior.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O silenciamento em torno da presença de negros e quilombolas na formação de Conquista é evidente também no meio acadêmico. É só a partir da década de 1990 que começam a surgir, em número razoável, pesquisas e trabalhos voltados para o tema. Não foram muitas, inclusive, as referências que encontramos para a pesquisa desta série. O motivo, claro, não poderia ser outro, como explica a professora Gal.

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

O racismo toma conta da academia, e nós temos uma academiae universidades completamente europeizadas. Os autores, os focos, as pesquisas, não se dava voz, não tinha lugar de fala, da população negra. Então, a gente vai ficando sempre nesses arredores literalmente espaciais como nos arredores dos inconsciente coletivos das pessoas de criarem os ditados de que ‘cada macaco no seu galho’, quer dizer o que? Preto junto com preto, branco junto com branco.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Sabe o que a professora Gal ouviu quando começou a estudar e pesquisar quilombos em Conquista?

[ENTREVISTA - GAL NOVATO]

“Você é maluca, Gal? Onde é que você achou quilombo?” Eu não achei quilombo, eles estavam lá. A academia que nunca olhou para onde estava essa população negra.

Nós temos pouquíssimas coisas escritas e pesquisadas. Temos eu, o professor Tom, Washington, o professor Itamar, fundamental para esse... esse.. esa recuperação da história das religiões de Vitória da Conquista. Temos hoje a

professora Núbia que trabalha esse contingente de mulheres negras e temos alguns hoje mais envolvidos, mas eu digo a você num passado de quinze anos, vinte anos, isso era quase que impossível.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Para o professor Washington Oliveira, atualmente, já existe uma produção acadêmica relevante sobre a população negra e quilombola do município, mas esses trabalhos, segundo ele, não chegam até a sociedade porque...

[ENTREVISTA - WASHINGTON]

Vitória da Conquista é uma das cidades mais racistas do interior da Bahia.

Então, assim, eu... é... há um volume de trabalho, de pesquisas que são feitos. Entretanto, essas pesquisas elas não chegam porque a cidade está preocupada em... com outros debates. A cidade está preocupada com outras reflexões, né. É.. isso é algo muito mais conjuntural é é.. Não é à toa que uma cidade como Vitória da Conquista se vê como Suíça Baiana, não é à toa que os votos por Bolsonaro em Vitória da Conquista foram muito significativos, né é... Então, assim, é uma explicação muito mais sistêmica do que a ausência de pesquisa.

É uma questão muito mais estrutural e é uma questão muito mais de como é que essa cidade elege temas que são importantes e interessantes para ela e outros temas que estão na margem. Então, uma cidade que se pensa branca, que se percebe como branca, que se percebe como Olívia Flores, ela não vai olhar para esses outros universos que estão nas periferias, e ela não vai olhar a produção desses outros universos que também estão na periferia.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A periferia e, sobretudo, a zona rural de Vitória da Conquista é um universo predominantemente negro, porém desconhecido da cidade. É por isso que quando um quilombola é reconhecido pelo que é, quando sua presença, abre aspas, é “atestada” por uma estatística oficial, isso pode não significar muita coisa pra você, que talvez se enxerga como parte dessa sociedade branca excludente que deu à terceira maior cidade da Bahia o falso título de ‘Suíça Baiana’. Mas esse reconhecimento, sem dúvidas, faz sim diferença, muita diferença, para pessoas como Seu Jovelino, Dona Josemira, Denício, Solidalva, Domingos, entre tantas outras.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Pra mim acho que o... o... o ser quilombola é o... é um motivo de... de de de orgulho porque, porque é é uma au, uma autoafirmação, então é, eu eu to no no, é aceitar a luta... O dizer “eu sou quilombola” é... é dizer que, meus ans ans, ancestrais foram, es escravizados mas, mas eu venci hoje eu, eu sou livre e eu tô na luta pela reparação pelo, pelo que os meus ancestrais sofrero.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essa é uma luta que já passou da hora de todos nós conhecermos.

[TRILHA - VINHETA DE ENCERRAMENTO]

[LOCUÇÃO]

AFONSO: O Fatos & Vozes é uma produção original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista. Para a realização da série “Conquista de Quilombos”, contamos com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas, do Meta Journalism Project e da Associação de Jornalismo Digital. Eu sou Afonso Ribas e, além da pesquisa, produção e roteiro, faço a apresentação deste podcast ao lado da minha colega de reportagem, Karina Costa. **KARINA:** Na apuração, quem esteve conosco foi a Victória Lôbo, que também é responsável pela direção criativa e locuções adicionais do Fatos & Vozes. A edição e sonorização ficam por conta de Anderson Rosa. A identidade visual e o design das nossas capas são de Caren Vieira e a trilha sonora original é do Gabriel Falcão. As transcrições de entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Ferraz, Talyta Brito e Leonel Brito. Neste episódio, você ouviu áudio da TV UESB. **AFONSO:** E se você gosta do nosso trabalho, nos ajude divulgando ele por aí e, se possível, assinando a nossa campanha de financiamento coletivo em catarse.me/conquistareporter. Seu apoio faz toda a diferença! Eu fico por aqui e até o próximo episódio! **KARINA:** Até mais!